



APRENDER A LER BRINCANDO: O LÚDICO COMO RECURSO NA APRENDIZAGEM DA LEITURA

Laddy Anne de Alcântara do Vale, IFGOIANO <https://orcid.org/0000-0003-1960-7032>

Rosalina Aparecida Borges, IFGOIANO <https://orcid.org/0000-0002-1053-5944>

Mallú de Mendonça Barros, UNIFASAM <https://orcid.org/0000-0002-7856-6114>

RESUMO

A prática pedagógica para a aprendizagem é resultado de aspectos históricos, culturais e de políticas públicas que se constituem dentro de sistema educacional. A Ludicidade é um elemento cuja metodologia é adaptada à realidade dos discente e pode ser, desde a educação infantil, utilizada pelos docentes para a integração social, formatação do raciocínio lógico, desenvolvimento cognitivo dentre outras vantagens que colaboram para a alfabetização. Assim, este artigo tem como objetivo analisar as contribuições da ludicidade para a alfabetização; destacar, a partir do estado da arte e realizar, mediante a revisão bibliográfica acerca da temática da aprendizagem lúdica, a partir dos anos de 2000, destacar como a literatura tem abordado a leitura no processo de aprendizagem. Essa pesquisa, trata-se, portanto de uma revisão da literatura que pretende responder a seguinte questão problema: como os jogos e brincadeiras podem servir de ferramenta para o ensino da leitura? Considerando-se a seguinte hipótese: o domínio leitura e escrita são promotores do desenvolvimento pessoal desde a educação infantil, sendo necessária a adoção dessas práticas na escola como contribuição da alfabetização somadas aos anseios e necessidades da criança. Por fim, as contribuições deste estudo possibilitaram fazer uma reflexão sistemática sobre a ludicidade, mediante as contribuições científicas atinentes a este recurso indispensável na alfabetização e as tendências e características das brincadeiras, dos jogos e dos games no processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Lúdico. Alfabetização. Ensino. Aprendizagem.

ABSTRACT

The pedagogical practice for learning is the result of historical, cultural, and public policy aspects that are constituted within the educational system. Ludicity is an element whose practical methodology is adapted to the reality of the students and can be, since early childhood education, used by teachers for social integration, formatting of logical thinking, cognitive development among other advantages that contribute to literacy. Thus, this article aims to analyze the contributions of playfulness to literacy; highlight, from the state of the art and perform, through literature review about the theme of playful learning, from the years 2000, highlight how the literature has addressed the reading in the learning process. This research is, therefore, a literature review that intends to answer the following problem: how can games and play be used as a tool to teach reading? Considering the following hypothesis: the reading and writing domains are promoters of personal development since early childhood education, being necessary the adoption of these practices at school as a contribution to literacy added to the wishes and needs of the child. Finally, the contributions of this study made it possible to make a systematic reflection on playfulness, through the scientific contributions related to this indispensable resource in literacy and the trends and characteristics of games and games in the teaching-learning process.

Keywords: Ludic. Literacy. Teaching. Learning process.

1. INTRODUÇÃO

Os processos de ensino e aprendizagem se aprimoram a cada instante diante da observância das necessidades cognitivas e das habilidades inerentes ao sujeito, razão pela qual a ludicidade é um recurso ensejador para o estímulo que pode ser aplicada à leitura e, portanto, um instrumento que colabora para a formação geral do indivíduo a partir das interações sociais e da criatividade.

Segundo Hernandez e Victoria (2019), o papel de quem educa não é fazer a criança aprender, e sim “aprender a aprender”, ou seja, concentrar atenções a deuteroprendizagem e aludir o “aprender a receber sinais”, a “aquisição de informações sobre os padrões de contingência dos contextos” e promover, por conseguinte, a aprendizagem, e, nesse contexto, quando se trata da aprendizagem da leitura há um processo ativo de trabalho de construção do significado do entendimento do texto, a partir dos seus objetivos, gerando conhecimento sobre um assunto, e criando um sistema de escrita etc. (Brasil, 2010).

Este artigo tem como objetivo analisar as contribuições da ludicidade para a alfabetização; destacar, a partir do estado da arte e realizar, mediante a revisão bibliográfica acerca da temática da aprendizagem lúdica, a partir dos anos de 2000, destacar como a literatura tem abordado a leitura no processo de aprendizagem. Essa pesquisa, trata-se, portanto de uma revisão da literatura que pretende responder a seguinte questão problema: como os jogos e brincadeiras podem servir de ferramenta para o ensino da leitura? Considerando-se a seguinte hipótese: o domínio leitura e escrita são promotores do desenvolvimento pessoal desde a educação infantil, sendo necessária a adoção dessas práticas na escola como contribuição da alfabetização somadas aos anseios e necessidades da criança.

Este estudo se justifica socialmente e academicamente na medida em que identifica elementos que possam auxiliar e influenciar na melhor prática docente, isto é, destaca condições para que os professores alfabetizadores consigam auxiliar a criança com dificuldades de aprendizagem da leitura, sobretudo porque de acordo com Souza e Avelino (2017), a educação ocupa posição de destaque no cenário atual, por ser direito fundamental e imprescindível para o desenvolvimento de cada indivíduo e do país. Esta área é palco de amplas e recorrentes mudanças, o que exige constante capacitação e inovação.

Diante disso, a construção da pesquisa pautou-se nos eixos temáticos como alfabetização escolar, aquisição da leitura e escrita na alfabetização, a prática docente e os materiais pedagógicos consoantes com a aprendizagem da leitura moderna, atual e reflexa aos elementos do contexto histórico acerca da utilização do lúdico na educação, com destaque às contribuições de teóricos atuais a partir dos precursores históricos do lúdico na alfabetização, sendo eles: Comênio (1592-1670), Rousseau (1712-1778), Montessori (1879-1952) e Decroly (1871-1932).

Por fim, diante do arcabouço conceitual e histórico pretendeu-se apresentar os avanços da alfabetização no Brasil no tocante à leitura e as técnicas utilizadas na prática docente, desafios e implicações da ludicidade no processo de aprendizagem da leitura e como instrumento motivador e catalisador de conhecimentos, habilidades e interações sociais do sujeito.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Sabendo-se que a aprendizagem da leitura está intimamente ligada à alfabetização, a ludicidade é uma proposta que pode ser utilizada no início da escolarização, visto que no

processo de alfabetização; segundo Lerner (2002), a ludicidade é uma prática que associada à leitura permite a criança “entrar em outros mundos possíveis, indagar a realidade com vistas a compreendê-la melhor e assumir uma postura crítica, ou seja, a criança toma consciência de que as palavras são compostas de fonemas, letras e grafemas” (Morais, 2006).

Noutras palavras, a lúdico no processo de aprendizagem da leitura se dá no início escolarização e acompanha o sujeito durante toda a vida. Inicia-se, portanto, construída mediante atividades que permitam a criança comparar e reformular as próprias hipóteses, e instiga quanto ao desenvolvimento de habilidades e de interação social. Conforme, Barbosa (2013), as atividades lúdicas como um instrumento pedagógico tem amplo alcance no sistema de leitura e de escrita, que evoluiu progressivamente com apropriação e adaptação cultural nas relações e contextos a que se aplica.

1.1. ALFABETIZAÇÃO ESCOLAR NO BRASIL: CONCEITO, HISTORICIDADE, AVANÇOS E DESAFIOS

Segundo Mortatti (2010), a alfabetização escolar pode ser entendida como processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita em língua materna, na fase inicial de escolarização de crianças. Trata-se de uma necessidade para que as crianças, jovens e até adultos sejam inseridos/incluídos no mundo público da cultura escrita e nas instâncias públicas de uso da linguagem e, de acordo com Morais e Albuquerque (2007), não é trata de um processo fundamentado em perceber e apenas memorizar, todavia da aquisição de meios ou de tecnologias que formam um conjunto de técnicas, procedimentos e habilidades, que são necessárias para que a criança pratique ao construir um conhecimento de natureza conceitual e que, portanto, abarca a escrita e a leitura como formas de representação e grafia da linguagem.

A alfabetização advém do conhecimento básico, necessário a todos os sujeitos e acompanham as transições históricos, culturais e tecnológicas de um mundo em transformação; Para a Unesco (2000), é um direito humano fundamental; habilidade primordial em si mesma e um dos pilares para o desenvolvimento de outras habilidades e um processo que implica nas mudanças não somente individuais, mas com reflexos em toda a sociedade.

No Brasil, conforme Mortatti (2010), a alfabetização é resultado de um processo complexo e multifacetado de ações humanas, políticas, mas que tornaram-se dever do Estado e do direito constitucional do cidadão brasileiro, pressuposto de políticas públicas, em que a educação formal a partir da alfabetização estão previstos e, portanto, garantidos na Constituição Federal brasileira desde 1988.

Assim, a adoção de uma proposta de se construir espaços, meios e ambiente para a educação, inicia-se desde a educação infantil, criando-se, por exemplo, condições para que a criança se alfabetize mediante de atividades que lhes permita diferentes maneiras de atingir o aprendizado e que, na atualidade, perpassam pela adoção de elementos de postura interdisciplinar e interacionista.

Conforme preceitua Santos (2016), a alfabetização é uma construção conceitual, contínua, desenvolvida simultaneamente dentro e fora da sala de aula, em processo interativo, que acontece desde os primeiros contatos da criança com a escrita e que o aprendizado da escrita alfabética não se resume apenas a um processo de associação entre letras e sons e que para Porrino e Barros (2017), configura um processo complexo e nisso se

incluem as brincadeiras, seja no entendimento das letras, da cultura humana, da prática social e da comunicação.

Nessa perspectiva histórica, o Brasil colônia, em meados de 1549, já assistia à época a mecanismos de alfabetização em que se buscava, mediante o contato com a civilização indígena, como processos de dominação mediante a obtenção da leitura e da escrita, os quais eram marcados pela recorrente necessidade de adaptação dada a tensão entre constantes entre alguns grupos e sujeitos.

Por outro lado, com desde a chegada do Brasil Império, avançando para a República novos rumos e a hegemonia de projetos políticos e educacionais que trouxessem um sentido moderno para a alfabetização (Mortatti, 2010); de acordo com Monteiro e Silva (2015), esses momentos históricos da alfabetização no Brasil enfatizam períodos históricos brasileiros como: alfabetização dos Jesuítas no Brasil Colonial (1549-1759); alfabetização no Brasil Imperial (1808-1889); alfabetização no Brasil Republicano (1890-1964); alfabetização no Regime Militar (1964- 1985).

De acordo com Boto (2013), nem sempre a educação no Brasil destacou a preocupação quanto ao estudo, à alfabetização como necessário e significativo para as questões sociais ou desenvolvimentistas, alertando, portanto, para a impossibilidade de pensar o conceito de escola sem considerar a relevância simbólica e pedagógica da leitura e da escrita. Para Saviani (2010), o Brasil foi acumulando um grande *déficit* histórico em matéria de educação, não obstante, felizmente corrigida, inserida e mediada a partir das influências da psicologia, e do caráter psicológico da criança no processo de alfabetização o que para Mortatti (2010), tornou-se objeto de debates a serem empreendidos por educadores, que ensejaram a ampliação da discussão da implementação da educação como prioridade, sobretudo quanto às questões didáticas, como ensinar ou definir novas técnicas com base nas habilidades visuais, auditivas e motoras do aprendiz e, por conseguinte, do desafio de construir modelos, métodos e concepções que deem conta de ensinar o processo da leitura desde a educação infantil, mas se se descuidar de outros métodos que contemplem jovens e adultos sujeitos das escolas.

As políticas públicas de educação, somente após os anos 2000, consolidam-se para realidade e, a partir de então, o Brasil desenvolve e implementa Programas de alfabetização com resultado e envolvido da governança em todas as esferas de Governo (federal estadual e municipal). Segundo Bordignon e Paim (2017), por exemplo, em 2007, foi criado o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), em que os governos firmaram o compromisso com a educação do país contra o analfabetismo; em 2012, o Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, sendo um plano de governo estratégico e desafiador para os estados e municípios de garantir a plena alfabetização para todas as crianças.

Conforme Smolka (2012), no Brasil, a alfabetização caminhou a passos lentos e, muitas vezes foi interpelada por interesses socioeconômicos. Uma história marcada por muitos percalços entre interesses escusos, descasos, retrocessos e recomeços em que a alfabetização assistem em diferentes épocas pressupostos de interesses, de necessidades e de urgências ou ainda de implicações político-econômicas de instrumento e veículo de uma política educacional que ultrapassa amplamente o âmbito meramente escolar e acadêmico”.

Desse modo, apesar dos estudos demonstrarem avanços significativos no processo de alfabetização no país é preciso indagar quais são as perspectivas reais que permeiam as políticas reformistas, quais são os critérios avaliados, e o que significa “qualidade educacional”, sendo que essa qualidade está atrelada aos avanços no processo ensino-aprendizagem na área de linguagens em todos os documentos iniciados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais que definem o quão significativo é o embasamento teórico para

desenvolver uma prática adequada em sala de aula que envolva a leitura e escrita, sobretudo porque a leitura, ainda que de forma simbólica, também ocorre de forma natural, pois os saberes são repassados pela família e pelas interações sociais, e, portanto, de especificidades e variações (Albuquerque, 2007).

2.2 AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA VERSUS ALFABETIZAÇÃO

Da fala à escrita e à leitura existe o desenvolvimento do psiquismo e, portanto, da existência de transições e de comportamentos esperados pela criança no período de perpassa pela alfabetização. Conforme Vygotsky e Luria (2007), conduziram-se, no âmbito da linguagem escrita, a investigações acerca de sua pré-história, colocando em destaque as relações entre o pensamento infantil e a utilização de expedientes gráficos desde uma relação externa até uma relação funcional com a palavra escrita.

Ademais, segundo Martins e Carvalho (2018), no desenvolvimento da escrita há graduações na utilização e diferenciação das marcas gráficas e dos símbolos, além de mudanças das técnicas adotadas pelas crianças, que vão desde rabiscos e linhas, passando por figuras, imagens e registros gráficos com letras e, dessa forma, o desenvolvimento e a apresentação das percepções, sensações, memória, raciocínio, criatividade, pensamento, atenção, sentimentos e a linguagem mediante atividades e práticas pedagógicas que vão desde a concepção tradicional, autoritária de ensino as novas tecnologias e modelos de educação, inclusivos, tradicionais ou eletrônicos e voltadas para diversos contextos sociais, mais democráticas e flexíveis.

Brasil (2010), por sua vez, orienta que válidas são as discussões sobre como orientar o trabalho junto aos iniciantes na escola, assegurando a eles/elas práticas que prevejam formas de garantir a continuidade no processo ensino-aprendizagem de modo que estes sujeitos façam uso da leitura e da escrita, operando de forma significativa no que tange a transformação de seu entorno social.

Quando se trata das habilidades da leitura e escrita, a escrita faz uso da língua nas diferentes atividades humanas o que para Marcuschi (2008), significa que a criança chega à primeira etapa da Educação Básica, e, portanto, no mínimo, etapa em que ela deveria dominar as habilidades de ler e escrever, cujas habilidades que se deram mediante associações de informações gráficas, como decodificação, compreensão e fluência, de acordo com (Souza & Alves, 2010). Nessa perspectiva, se a leitura e a escrita são instrumentos importantes para o exercício da cidadania, o ato de ensinar a ler/escrever, deve se configurar como a condição para a formação de sujeitos capazes de se constituírem cidadãos de fato e de direito.

Segundo Bordignon e Paim (2015), estudar é o processo de aquisição da leitura/escrita em que são necessárias para a escola, os processos de ensino e aprendizagem, com o objetivo de problematizar/responder aos desafios que se apresentam todos os dias em suas salas de aula. O que a literatura expressa é que a aprendizagem da leitura/escrita se inicia muito antes de chegar à escola, cabendo ao professor conhecer e compreender como a criança se desenvolve e como ocorre este processo.

Diante disso, as atividades lúdicas e diversificadas devem estar entre as práticas pedagógicas que envolvem a linguagem oral e escrita, pois ao estabelecer contato com a cultura letrada, a criança para que possa se constituir cidadão pleno e autônomo, mesmo diante de dificuldades de concentração e continuidade de uma mesma atividade por muito

tempo (Camargo et. al, 2020), além de que o processo de apropriação da leitura e escrita não acontece da mesma forma e ao mesmo tempo para toda criança. As habilidades para a escrita e as condições da sua aquisição devem ser compreendidas pelas pessoas que interagem com este sujeito (Gontijo, 2002).

Assim sendo, compete ao educador a compreensão das alternativas para a realização do processo de aquisição da alfabetização em suas diferentes nuances, características e metodologias tradicionais ou modernas, visto que a leitura é um processo de compreensão que envolve aspectos neurológicos, sociais, culturais, econômicos e até naturais do sujeito. Em suma, a alfabetização, o ensino da leitura e escrita são resultados das experiências discentes para a formulação do conceito de letramento, razão pela qual a atuação docente como facilitadores de práticas sociais dentro e fora da escola e capazes de que o sujeito seja impulsionado a desenvolver desde criança e adicionar essas habilidades *de per si* e gradativamente se tornarem indivíduos alfabetizados e letrados.

2.3 DA FORMAÇÃO DOCENTE AOS MATERIAIS PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO DA LEITURA E ESCRITA MEDIANTE A LUDICIDADE

De acordo com Chartier (2007), os saberes do professor acerca o ensino da leitura e da escrita significam lançar um olhar reflexivo sobre as práticas que envolvem a escola como um ambiente alfabetizador, sendo tarefas da instituição escolar a formação docente que ensejem ações desafiadoras para o estímulo da aprendizagem; as situações desafiadoras se baseiam na relação concomitante entre objetivos de ensino, conteúdos, métodos e materiais didáticos que priorizam a leitura e escrita como fontes prazerosas de aprendizagem, superando os recursos pedagógicos tradicionais e para além do livro didático e do material do aluno como caderno, bloco de escrever, lápis, borracha; a inserção visa a criatividade, o interesse e a disponibilidade de recursos inovadores no uso que vai do material de informática, dos cartazes e de atividades que estão presentes na sala de aula e criem novas interações do aluno com a sala de aula ou do ambiente de aprendizagem.

Goulart (2013), destaca que a formação docente deve ter uma finalidade que vise da discussão do espaço de ensino como um espaço de relações humanas a um espaço que articula diferentes experiências de leitura e escrita com os usos sociais da língua, isso porque, “os diversos materiais que compõem o ambiente de alfabetização e de letramento são considerados suportes de escrita, uma vez que são acompanhados de novas práticas acessórias de leitura e de escrita pelos professores.

Nesse contexto, a formação docente precisa ser contínua, intensa, reflexiva, problematizadora, seguida de registros escritos, vídeos, fotos na qual sua prática possa ser tematizada, discutida e analisada em diferentes momentos do ensino (Colello, 2010) para que o professor seja capaz de organizar e reorganizar, fazer e refazer o uso consagrado do espaço físico onde a atuação docente deve propiciar boas experiência do exercício da atividades específicas relacionadas à leitura e à escrita (Goulart, 2013).

A consagração desse espaço, em outras palavras, é atribuída à ludicidade, ou seja, daquilo que é lúdico e cujo significado se origina do latim *ludus* que significa brincar, jogar e se divertir. Conforme Sant’Anna (2011), a ludicidade é a prática da aprendizagem de forma atrativa e divertida, em que o brincar inicia na infância e segue a todas as épocas da humanidade; é um instrumento comum caráter educativo que promove o desenvolvimento do indivíduo. Isto é, os recursos lúdicos podem ser desenvolvidos de diversas formas como por meio de jogos e brincadeiras e isso ajuda as crianças a se expressarem melhor, tendo em vista o estágio do seu desenvolvimento da linguagem e produzindo

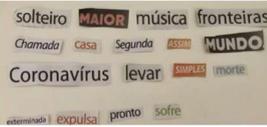
contingências coerentes com o mesmo e generalização para outros contextos (Freitas & Gomes, 2021).

Apesar de historicamente, vários teóricos estudarem o lúdico no processo de ensino e aprendizagem, como, por exemplo, Comênio (1592-1670), Rousseau (1712-1778), Montessori (1879-1952) e Decroly (1871-1932) - citados em Oliveira (2002) e Santanna Alexandre (2011), no Brasil, a proposta da ludicidade, foi abordada seguindo as ideias que o educador Comênio (1592-1670) que defendia no século XVIII a exploração do mundo no brincar era vista como uma forma de educação pelos sentidos e da programação bem elaborada, com bons recursos materiais, racionalização do tempo e do espaço escolar” (Oliveira, 2002).

Sendo assim, verifica-se que é possível entender que as brincadeiras e jogos eram utilizados para estimular os sentidos há tempos e, com isto, fazer com que as crianças pudessem avançar em seu desenvolvimento cognitivo e conforme Sant’Anna (2011), os jogos auxiliam na educação integral do indivíduo, pois podem dar conta de uma reflexão sócio histórica do movimento humano, oportunizando à criança investigar e problematizar as práticas, advindas das mais diversas manifestações culturais e presentes no seu cotidiano, tematizando-se para melhor compreensão e visto que jogo fornece informações a respeito da criança, suas emoções, a sua forma de interagir com os colegas, o desempenho físico-motor, o estágio de desenvolvimento, o nível linguístico, e até a formação moral.

Segundo Simões (2012), se a sociedade quer formar cidadãos críticos, tem-se que acolher, praticar e desenvolver a participação criativa, crítica e atuante nas próprias salas de aula como espaços de ação social democrática; imprescindível oferecer às crianças um ponto de partida para a promoção do hábito e prazer da leitura. Isto é, o lúdico tem uma gama significativa de propostas metodológicas compiladas e, conforme se verifica no quadro 1, em que se objetiva maximizar o aprendizado da leitura se valendo das novas tecnologias da informação e comunicação, resultantes da ludicidade e da formação de sujeitos.

Gamificação e Brincadeiras	Principais características e estímulos do lúdico no processo de aprendizagem durante a alfabetização	Identidade visual
ABC do Bitá (aplicativo)	É um aplicativo de alfabetização disponível para os sistemas iOS e Android que utiliza-se de personagens infantis para estimular a aprendizagem mediante a reprodução de vídeos em estilo <i>toy art</i> e com a interatividade audiovisual com a crianças para a construção de palavras, sílabas e identificação do alfabeto. O aplicativo é ideal para crianças de 0 a 6 anos de idade.	
Aprendendo o Alfabeto (Jogo)	Trata-se de um jogo que ensina o alfabeto de maneira divertida à criança; o jogo conta fases que estimulam a percepção visual e o raciocínio lógico distribuídos em 26 conjuntos de 3 peças com letra, imagem e palavra. Para crianças a partir de 4 anos de idade.	

<p>Jogos Pedagógicos artesanais</p>	<p>São jogos voltados para a alfabetização que podem ser confeccionados pelos professores ou pelos próprios pais e cuidadores; são jogos que incentivam as crianças a realizarem atividades fora do mundo virtual e sem a dependência de dispositivos eletrônicos; auxiliam na solução de problemas e atrasos cognitivos, promovem correlações, interação social afastam o <i>déficit</i> de atenção ou dificuldades de aprendizagem, colaboram de natureza clínica no gasto energético e controle da obesidade infantil. Para crianças a partir de 4 anos de idade.</p>	
<p>SJogo da Memória das Classes gramaticais</p>	<p>Trata-se de um interativo jogo da memória que feito no <i>power point</i> ou em fichas. O jogo ensina a criança a identificar com as cinco classes gramaticais: substantivo, adjetivo, verbo, pronome ou advérbio. Pode-se usar frases de interjeição para ampliar o grau de dificuldade para assimilação das Classes gramaticais e a categorização que leva em conta as funções morfológicas dos vocábulos. Para crianças a partir de 4 anos de idade.</p>	
<p>Palavras nos jornais</p>	<p>Trata-se de um jogo que incentiva as crianças a terem mais contatos com a linguagem impressa (jornais, revistas e livros) e listar palavras para que as crianças ampliem o vocabulário para a leitura e escrita a partir da colagem e do recorte do material didático no caderno, em fichas, em cartolinas ou murais. Para crianças a partir de 4 anos de idade.</p>	
<p>Bingo das sílabas</p>	<p>Trata-se de um jogo que incentiva as crianças a terem mais contatos com a linguagem impressa, das sílabas e os sons delas. Por isso, devem ser feitas cartelas com elas. Decida se o jogo vai seguir uma única vogal — como “ba”, “ca”, “da” — ou variar e usar todas— como “ba”, “de”, “co” e assim por diante. Para começar, basta ir falando as sílabas e os pequenos vão marcar nas próprias tabelas. Quem completar primeiro, grita “bingo!” tornando-se o vencedor da partida. Para crianças a partir de 6 anos de idade.</p>	
<p>Brincadeira falada ou cantada</p>	<p>As brincadeiras faladas e cantadas promovem o desenvolvimento da oralidade durante a alfabetização. Trata-se de um tipo de brincadeira que instiga a coordenação motora, a linguagem, o ritmo, a memória e a cooperação entre os participantes a partir de cantigas ou cantigas de roda, uso de canção popular diretamente</p>	

	relacionada com a brincadeira de roda ou ainda, mediante telefone sem fio ou telefone de lata. Para crianças a partir de 3 anos de idade.	
--	---	--

Quadro 01 – Propostas metodológicas lúdicas para a aprendizagem da leitura
Fontes: Dados da pesquisa (2022). Google imagens [Adaptado pelas autoras].

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tendo-se em vista o objetivo da pesquisa, esta é uma pesquisa bibliográfica, com abordagem exploratória, pois mensura, processa e analisa os dados científicos, atribuindo-lhes valor fundamental no desenvolvimento e consolidação da ciência em diferentes áreas. (OLIVEIRA, 2000).

Como estratégias de material e métodos foram definidas as seguintes etapas: i) levantamento dos autores relevantes que abordam a temática, bem como a base de dados para o levantamento da pesquisa. Definiu-se como prioridade: Periódico CAPES e Scielo Brasil; b) revisão da literatura, a partir dos refinamentos: aii) artigos de relevância com ênfase na temática; aii2) Língua portuguesa, inglesa e espanhola; aii3) das palavras-chave “alfabetização”, “lúdico”, “ludicidade”, “letramento”, “crianças”, “educação infantil”, “ensino-aprendizagem”, “brincadeiras”, “jogos” e “gamificação”; aii4) recorte temporal (anos): de 2000 a 2022.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sabendo-se que o processo de alfabetização começa no primeiro ano do Ensino Fundamental, no sistema educacional brasileiro, por volta dos 6 anos, esta pesquisa possibilitou conferir que o objeto da pesquisa demanda ser compreendida, estudada, analisada e exercitada pelos educadores, sobretudo porque se espera que os alunos saibam ler e escrever por volta de 8 a 9 anos de idade, e, portanto, ainda nos primeiros momentos na escola, a criança seja estimulada a gostar de ler e escrever, de frequentar a sala de aula e de lidar com desafios de aprendizagem e socialização e, nesse sentido, muitas dessas crianças já detenham, mesmo que com menos de 7 anos, a alfabetização de fato a partir das brincadeiras, dos jogos e, portanto, da gamificação, como se verifica nas diferentes modalidades abaixo, na figura 1.



Figura 1: Aprender brincando: as diferentes práticas do conhecimento e de transformação da criança na educação

Fonte: Google Imagens (2022)

Apesar das dificuldades que muitos alunos apresentam quanto à leitura e à escrita, as práticas lúdicas, nas suas diferentes formas e técnicas de metodologias ativas, podem e devem ser exercitadas logo nos primeiros contatos com e extra sala de aula e, o que é confirmado pela literatura. Isto é, de acordo com Magalhães et. al. (2020), a educação deve buscar estratégias que superem o mecanicismo e estimulem os indivíduos a estarem abertos ao aprendizado, pois acredita-se que a ludicidade possa ser uma alternativa para atender a nova demanda da contemporaneidade, visto que o lúdico relaciona cada participante à interações mediante a prática de lazer e entretenimento, ou seja, à medida que se envolve no jogo, a criança prende a atenção e a percepção, divertimento e prazer (Massa, 2015).

O resultado da revisão da literatura é incontestável e, portanto, unânime, quanto ao aumento pelo prazer da criança em práticas de leitura e escrita que decorram da ludicidade e que, mesmo inconsciente, cria relações sociais, de aprendizado que promovem ainda o desenvolvimento motor e das reflexões dada ao estímulo da criança no sentido de vivenciar práticas de leitura, realmente significativas, dentro e fora da sala de aula.

Dessa forma, ao intensificar os estudos sobre dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita, foi possível identificar nesta pesquisa as diferentes formas, vantagens e tendências de implantação das propostas metodológicas pelos educadores, especialmente no início da escolarização. Dentre essas propostas surgiu a ludicidade, que é um estado interno do sujeito que vivencia uma experiência de forma plena, é sinônimo de plenitude da experiência, considerando aqui plenitude da experiência como a máxima expressão possível da não divisão entre pensar, sentir e fazer (Luckesi, 2005).

Assim sendo, a ludicidade se traduz como metodologia divertida, atraente e capaz de absorver a atenção das crianças como alternativa de aprender a ler brincando e, de acordo com (Antunes & Rodrigues, 2022), os jogos se apresentam enquanto fenômeno científico, cultural, e, plenamente adotado por muitos professores e escolas no Brasil, sobretudo como resultado de um novo comportamento global, já no século XX, após a Segunda Guerra Mundial. Em que as escolas americanas destacam a necessidade de inserção de games na formação de educadores e para o desenvolvimento da criança, visto que os jogos fazem parte da formação e do processo de ensino-aprendizagem a partir de uma série de diretrizes que envolvem seu uso pedagógico explícito.

Logo, a prática da leitura e escrita também perpassam pela via de se compreender as regras que orientam os vocábulos, a gramática em que as crianças precisam desenvolver conhecimentos e capacidades diversas, relativas ao uso geral da escrita; assim, cabe ao professor propor observações e reflexões sobre as convenções do sistema de escrita, a partir de metodologias motivadoras e interativas em que a ludicidade tem sinônimo de plenitude da experiência (Carvalho & Mendonça, 2006).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa constatou a importância do lúdico na aprendizagem da leitura e escrita, estendendo-se a compreensão da ludicidade como fator essencial para o desenvolvimento afetivo, cognitivo e intelectual. Importa, pois, reconhecer que a leitura e escrita são fundamentais para a formação acadêmica do sujeito e, a alfabetização é o pilar dessa formação.

de Alcântara do Vale, L. A., Aparecida Borges, R., & de Mendonça Barros, M. (2023) Aprender a ler brincando: o lúdico como recurso na aprendizagem da leitura. *Cadernos Acadêmicos*. 9, 31-43. Recuperado de <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/CA/article/view/18689>

Dessa forma, os objetivos do estudo foram atendidos e a pesquisa foi capaz de enumerar como a aprendizagem da leitura e escrita, apesar de um recorrente tema de estudo e de debate relacionado a qualidade da educação infantil ainda desperta sistematização de métodos que majorem o aprendizado a partir da ludicidade. Isso porque, a leitura é um processo complexo, distinto, mas complementar à escrita, o que demanda o uso de diferentes processos cognitivos e, portanto, atendendo-se aos objetivos propostos nesta pesquisa. Em outras palavras, a pesquisa foi capaz de apresentar vantagens científicas quanto a adoção de práticas da ludicidade na educação infantil e como a criança é capaz de se ampliar o aprendizado, a interação e a capacidade crítica mediante jogos e brincadeiras.

Como proposta de intervenção e planejamento futuro, este estudo pretende verificar como as propostas lúdicas se dão ao caso concreto, num estudo de caso a posteriori e confirmar os meios significativos de aprender e reaprender novos conhecimentos proporcionando aos sujeitos em todos os níveis de escolarização, o prazer de fazer novas descobertas, de forma coletiva e individual, e, por fim, como o lúdico é uma realidade nas escolas no tocante ao desenvolvimento integral da criança, do adolescente e do futuro adulto no contexto escolar.

6. REFERÊNCIAS

Albuquerque, E. B. C.; Mendonça, M de. Conceituando alfabetização e letramento. In: *Alfabetização e letramento: conceitos e relações*. 1.ed., 1.reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007. Recuperado 10 janeiro 2022, de: <http://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/22.pdf>

Antunes, J.; Rodrigues, E. S. J. (2022). Análise do desenvolvimento temático dos estudos sobre games na educação. *Educação E Pesquisa*, 48(Educ. Pesqui., 2022 48). <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248240020>

Barbosa. M. Projetos pedagógicos na educação infantil. *Ciência em Tela*. Rio de Janeiro Versão: 2013, v. 6, n. 1. Recuperado em: 10 dezembro 2022 <http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0601pe01.pdf>

Bordignon, L. H. C.; Paim, M. M. W. Alfabetização no Brasil: um pouco de história. In: *Educação em Debate*, Fortaleza, ano 39, nº 74 - jul./dez. 2017.

Boto, C. (2013). Alfabetização no Brasil: uma história de sua história. *Cadernos CEDES*, 33(Cad. CEDES, 2013 33(89)). <https://doi.org/10.1590/S0101-32622013000100009>

CAMARGO, G. A escrita e a leitura na Educação Infantil: uma perspectiva de letramento. *Criar Educação* v. 5 n. 2 (2016):– Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação – UNESC Recuperado em: 08 janeiro 2023 <https://docplayer.com.br/35776998-A-escrita-e-a-leitura-na-educacao-infantil-uma-perspectiva-de-letramento.html>

Carvalho, C. A leitura e a escrita na formação de professores. In: *Teias*. Rio de Janeiro, ano 3, v.3, nº 5. jan/jun. 2002. Recuperado em 06 de fevereiro 2023, de: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23906>

Carvalho, N. A. F.; MENDONÇA, R. H. (Orgs.) *Práticas de leitura e escrita* – Brasília: 2006. Brasília: Ministério da Educação, 2006. 180 p. Recuperado em 06 janeiro 2023, de: http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/grades/salto_ple.pdf

Chartier, A. M. *Práticas de leitura e escrita - história e atualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. Edição: 1 Coleção CEALE/FaE: Linguagem e educação / Literatura e educação UFMG

Colello, M. G. S. Alfabetização e letramento: o que será que será? São Paulo: Summus, 2010. S. In: *Alfabetização e letramento: pontos e contrapontos*.

De Souza Massa, M. (2017). Ludicidade: da Etimologia da Palavra à Complexidade do Conceito. *APRENDER - Caderno De Filosofia E Psicologia Da Educação*, 2(15). Recuperado de <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/2460>

Gontijo, C. M. M. *O processo de alfabetização: novas contribuições*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Goulart, I. C. V. Entre o espaço de ensino e a formação docente: práticas de leitura e escrita. In: *Rev. educ. PUC-Camp*. v. 18, n. 2. p.211-222 Campinas, maio/ago., 2013. Recuperado em 10 dezembro 2022, de: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reeducacao/article/view/2030>.

Hernandez, A.R.S; VÍctora, C. Jogos de linguagem, gramática emocional e formas de vida: uma etnografia do aprender brincando na natureza. *Artigo: Horizontes Antropológicos*, 25. Versão: 2019, v. 25, n. 54. Recuperado 07 fevereiro 2023, de: <https://www.scielo.br/j/ha/a/KKykFjxynRX3r7T7MjBbPRd/?lang=pt>

Lerner, D. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Luckesi, C. C. Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna. Salvador, 2005. *Revista entreideias*, Salvador, v. 3, n. 2, p. 13-23, jul./dez. 2014 Recuperado em 08 janeiro 2023, de: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/download/9168/8976>

Magalhães, A. G. F., Lima, K. M. ., Leite, D. M., & Patriota, E. G. . . (2020). O lúdico no ensino de topografia: uma proposta de sequência didática para o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera). *Revista De Educação Popular*, 19(3), 122–143. <https://doi.org/10.14393/REP-2020-53165>

Marcuschi, L. A. (2016). Aspectos linguísticos, sociais e cognitivos na produção de sentido. *Revista Do GELNE*, 1(1), 7–15. Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9272>

Martins, L. M., Carvalho, B., & Dangiό, M. C. S.. (2018). O processo de alfabetização: da pré-história da escrita a escrita simbólica. *Psicologia Escolar E Educacional*, 22(Psicol. Esc. Educ., 2018 22(2)). Recuperado 06 janeiro 2023, de: <https://www.scielo.br/j/pee/a/sNtXNMtyt4MvF7hW8zKTR4c/?lang=pt#>

Monteiro, C. S. & SILVA, M. A. A. Alfabetização no Brasil: dos jesuítas ao Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. *Dissertação Igarapé-Açu, PA* (2015) Recuperado 11 novembro 2022, de: <http://bdta.ufra.edu.br/jspui/handle/123456789/364>

Morais, A. G. de; ALBUQUERQUE, E. B. Co. de. Alfabetização e letramento. In: *Construir Notícias*. Vol.. 07 n.37, p. 5-29, Recife/PE, 2007. Recuperado 10 janeiro 2022, de: <https://www.construirmoticias.com.br/alfabetizacao-e-letramento/>

Mortatti, M. R. L. Alfabetização no Brasil: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos. In: *Revista Brasileira de Educação*. Vol. 15. Núm. 44. Marília/SP: 2010. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782010000200009>

Oliveira, Z. M. R. de (Org.). *Educação infantil: fundamentos e métodos*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

Porrino, R. C. Z.; Barros, F. C. O. M. Breve histórico da alfabetização no Brasil e as contribuições de Célestin Freinet. IN: *Anais CIC 2017 Unirio*. Rio de Janeiro: 2017. Recuperado em 29 setembro 2022, de: https://cic.unifio.edu.br/anaisCIC/anais2017/pdf/09_06.pdf

Sant'Anna, A. A história do lúdico na educação. In: *Revemat* (2011). Florianópolis, 2011. v. 06, n. 2, p. 19-36. Recuperado 25 setembro 2023, de: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revemat/article/download/1981-1322.2011v6n2p19/21784/79926>.

Santanna, A. A história do Lúdico na Educação, São Paulo, v. 06, n. 2, p. 19. 2011. *Revista Eletrônica de Matemática*. Recuperado 10 janeiro 2023, de: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revemat/article/view/1981-1322.2011v6n2p19>

Saviani, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. *Revista Brasileira de Educação*, v. 14, n. 40, jan./abr. 2009.

Simões L. J. *Leitura e autoria: planejamento em Língua Portuguesa e Literatura*; Edelbra. 2012. Recuperado 10 janeiro 2023, de: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/347/238>

Smolka, A. L. B. A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

Silva, Wagner R. *Resenha - Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo:Contexto, 2006.

Silva, J. A. da. Discutindo sobre leitura. In: *Revista de estudos linguísticos e literários do curso de letras*, UNIFAP, v. 1, n. 1, p. 23, 2015.

Souza, L., Avelino, B., & Takamatsu, R. (2017). Estilos de aprendizagem e influência no processo de ensino aprendizagem: análise empírica na visão de estudantes de contabilidade. *Revista Ambiente Contábil*, Natal, RN, p., 2017. *Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte - ISSN 2176-9036*, 9 (2). Recuperado fevereiro 8, 2023, de: <http://www.atena.org.br/revista/ojs-2.2.3-6/index.php/Ambiente/article/view/3098/2452>

Souza, R. J; Souza, S. F.; Alves, A. E. Estratégias de Leitura e Literatura:contribuições para a formação da criança leitora. Recuperado em 8 de novembro de 2022, de: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/92255/souza_sf_me_prud.pdf

Vygotski L. S.; Luria, A. (2007). *El instrumento y el signo en el desarrollo del niño*. Edición anotada a cargo de Pablo del Río & Amelia Álvarez. Fundación Infancia y Aprendizaje.